Política Educacional, Emprego e Exclusão Social – Políticas Públicas para a Área de Educação, Ciências e Tecnologias

Josué Maurino[1]

RESUMO

Este artigo analisa as relações entre capitalismo, globalização, políticas sociais implementadas pelo neoliberalismo, políticas educacionais, exclusão social e emprego. Entendemos que a globalização e as políticas implementadas pelo modelo neoliberal e capitalista, visam o lucro em detrimento as políticas sociais de interesse as nações, e, aliadas aos avanços tecnológicos que aconteceram durante o século xx, influenciaram diretamente a vida dos cidadãos, ocasionando desemprego, exclusão social, marginalização, mudanças nos propósitos de formação oferecido aos cidadãos no ambiente escolar, voltado agora para o capitalismo, principalmente na América Latina, pois esses países são dependentes dos países do primeiro mundo que ditam as regras,

PALAVRA CHAVE: Política educacional, política social neoliberal, globalização, capitalismo, exclusão social, emprego,

POLÍTICA EDUCACIONAL, EMPREGO E EXCLUSÃO SOCIAL

Os avanços tecnológicos e as modernidades que aconteceram no século XX influenciaram diretamente às nossas vidas, tanto que atualmente, as desigualdades sociais e as incertezas que nós comumente temos em relação ao futuro acabam desenvolvendo em nós, um comportamento individualista que busca para si a comodidade. A ambição incessante pela busca de riquezas a qualquer custo trouxe muitos benefícios, mas também trouxe o "caos" à sociedade, em que a condição financeira passou a ser fator primordial para determinar a importância ou mesmo a exclusão dos seres humanos da sociedade.

No mundo do trabalho essas modificações sofridas ao longo do tempo fizeram com que algumas das características dos trabalhadores fossem também sendo modificadas. Hoje o conceito de estabilidade profissional já não existe mais e, acaba perpetuando cada vez mais, a dispensa da mão-de-obra humana ou a exploração da mesma, por mais que haja um aumento substancial de produtividade. Isso implica dizer que esse aumento de produtividade não tem objetivos sociais e, sim, financeiros. Esses fatores levam muitos trabalhadores a apresentarem instabilidades emocionais e estresse excessivo por conta do ritmo alterado de trabalho.

O movimento de mundialização do neoliberalismo e da globalização, através da concentração de capital é excludente, está em curso um nítido movimento tendente à marginalização dos países em desenvolvimento. Nesse sentido, DUPAS (1999:228) esclarece que "o novo modelo global continuará provocando a exclusão social. Essa conclusão parece verdadeira pelo menos quanto às tendências de aumento geral do desemprego formal e da flexibilização do trabalho." Roborando o assunto, SINGER (1999: 31) afirma: "o desemprego estrutral, causado pela globalização, é semelhante em seus efeitos ao desemprego tecnológico". E mais, no caso do Brasil, a nova pobreza também já se faz notar, embora o seu surgimento seja mais recente. E ela atinge fudamentalmente a classe média, sob a forma de menor demanda por força de trabalho com qualificações tradicionais e, sobretudo, de redução violenta de remuneração real desse tipo de trabalhador. A crise de desemprego se manifesta no Brasil por aumento do desemprego aberto.

Outro aspecto que deve ser observado nos países dependentes, inclusive no Brasil, é que associação de capitais nacionais e internacionais ganharam força, e, assim, o discurso ideológico da globalização procura mostrar que a abertura econômica é a solução para a a crise econômica e social do país. Com efeito, "a maior presença de empresas de capital estrangeiro, inclusive com a compra de empresas estatais por ora privatizadas -com fontes externas de poder – representa uma reconfiguração da correlação de forças políticas em detrimento dos interesses nacionais, seja de trabalhadores, seja do empresariado." (VEIGA: 2000:92). Pelas mesmas razões discursadas acima apoiamos em FURTADO (2000) que acrescenta:

Quanto mais as empresas se globalizam, quanto mais escapam da ação reguladora do Estado, mais tendem a se apoiar nos mercados externos para crescer. Ao mesmo tempo, as iniciativas dos empresários tendem a fugir do controle das instâncias políticas. (...) A globalização em escala planetária das atividades produtivas leva necessariamente a grande concentração de renda, contrapartida do processo de exclusão social.

No Brasil, a busca pela competitividade parece ser realizada em condições precárias, já que não há política de desenvolvimento industrial vigente que cuide dessa área. A automação do sistema industrial é algo inevitável, já que traz benefícios à indústria em relação ao corte de

(1) Graduando em Artes Visuais da Faculdade de Educação Paulistana e, professor do Ensino Fundamental e Médio das redes municipais de ensino de São Paulo/SP e São Caetano do Sul/SP

gastos e o aumento da produtividade da mesma, sem alterar o preço do produto no mercado. Isso tende a promover cada vez mais a escassez de postos de trabalho como, também, o aumento do desemprego e das funcionalidades que cada trabalhador deverá exercer, sem que o mesmo tenha aumento de salário para se manter empregado nesse mundo industrial tão competitivo e exigente.

A globalização é responsável diretamente pelos avanços tecnológicos e pela acumulação financeira de capitais. Ela também é responsável por fazer com que os países subdesenvolvidos sempre sejam dependentes dos países desenvolvidos. Assim, fica claro, que com o pensamento neoliberal, os países da América Latina raramente terão condições de se desenvolver. Esse pensamento não preza o desenvolvimento desses países. Na verdade, neoliberalismo preza o desenvolvimento da economia global capitalista a qualquer custo. Esse ideal propõe a competição incessante de todos, mesmo que poucos possam ganhar; já que o desenvolvimento só ocorre para uma pequena parcela da sociedade. Assim, as próprias pessoas que estão desempregadas serão responsáveis por suas respectivas recolocações no mercado de trabalho, sejam através de requalificações ou reconversões profissionais.

O que impera no mercado neoliberal é a busca do lucro a qualquer preço, com objetivo de mobilizar riquezas, mesmo que o preço a ser pago seja a degradação da sociedade. Assim, os trabalhadores são cada vez mais explorados, sem a menor garantia de estabilidade profissional e social. Queremos sublinhar, também, que problemas como desemprego e o subemprego, a desnacionalização da economia e a dependência de capitais externos, longe de constituírem a conseqüência irrecorrível de um processo global, resultam de políticas adotadas no âmbito nacional, convenientemente dissimuladas pelo apelo à retórica da globalização (BATISTA JR., 1998). A lógica neoliberal no que concerne aos problemas sociais é perversa e coerente, ou seja: perversa porque produz cada vez mais a exclusão e aumenta o desemprego, e coerente em face do seu próprio pensamento, isto desde 1945, que, sem dúvida, sofisticou-se muito dos anos 60 para a conjuntura atual (FIORI, 1997).

A forma como o processo de globalização está se desenvolvendo, na qual poucos são beneficiados, implicando diretamente no crescimento da desigualdade e, também, no percentual de desempregados contidos na sociedade. Esses fatos influenciam diretamente os problemas sociais e educacionais que, consequentemente, acabam não tratando os mesmos como questões políticas e, sim, como questões técnicas causadas pela ineficácia ou má administração. Além disso, nas escolas e nos cursos de caráter profissional, os alunos são estimulados a crer e acreditar que estarão empregados. Dessa forma, as pessoas são iludidas, pois a própria concepção de capitalismo não proporciona as mesmas um regime de igualdade, já que não há possibilidade de satisfação concreta e não há geração de empregos em condições suficientes para atender a todos.

Por fim, temos que a escola, também é afetada e sofre fortes intervenções do mundo capitalista. Ela acabou perdendo os seus ideais e seus propósitos de formação de cidadãos bem preparados para atuarem na sociedade. Com isso, ela passou a selecionar as pessoas para um mercado de trabalho cada vez mais competitivo, na qual o sujeito empregado não está no seu direito social ao emprego. Dessa forma, a educação não é mais entendida como direito social da população, mas como uma mercadoria ou um bem que é obtido através dos interesses individualistas. Mesmo assim, a educação de qualidade e democrática continua a ser um dos únicos mecanizados capaz de barrar a hegemonia e a expansão do capitalismo.

No discurso neoliberal a educação deixa de ser parte do campo social e político para ingressar no mercado e funcionar a sua semelhança. Conforme Albert Hirschman, este discurso apóia-se na "tese da ameaça", isto é, num artifício retórico da reação, que enfatizam os risco de estagnação que o Estado do Bem-Estar Social representa para a livre iniciativa: para a produção de bens de consumo, maquinário, para o mercado, para a nova ordem mundial". No Brasil,

A retórica neoliberal atribui um papel estratégico à educação e determina-lhe basicamente três objetivos:

1) Atrelar a educação escolar à preparação para o trabalho e a pesquisa acadêmica ao imperativo do mercado ou às necessidades da livre iniciativa. Assegura que mundo empresarial tem interesse na educação porque deseja uma força de trabalho qualificada, apta para a competição no mercado nacional e internacional..

Sobre a associação da pesquisa científica ao ethos empresarial, é preciso lembrar, segundo Michael Apple, que na sociedade contemporânea a ciência se transforma em capital técnico-científico. E as grandes empresas controlam a produção científica, controlando o que Apple chama de pré - requisitos do processo de produção científica, Isto é, a escola e, principalmente, a universidade, onde se produz conhecimentos técnico-científicos. A integração da universidade à produção industrial baseada na ciência e na técnica, transforma a ciência em capital técnico-científico.

2) Tornar a escola um meio de transmissão dos seus princípios doutrinários. O que está em questão é a adequação da escola à ideologia dominante. Esta precisa sustentar-se também no plano das visões do mundo, por isso, a hegemonia passa pela construção da realidade simbólica. Em nossa sociedade a função de construir a realidade simbólica é, em grande parte, preenchida pelos meios de comunicação de massa, mas a escola tem um papel importante na difusão da ideologia oficial. O problema para os neoliberais é que nas universidades e nas escolas, durante as últimas décadas, o pensamento dominante, ou especular, conforme

Alfredo Bosi, tem convivido com o pensamento crítico nas diversas áreas do conhecimento e nas diversas práticas pedagógicas dialógicas, alternativas. Nesse quadro, fazer da universidade e da escola veículos de transmissão do credo neoliberal pressupõe um reforço do controle para enquadrar a escola a fim de que cumpra mais eficazmente, sua função de reprodutora da ideologia dominante.

3) Fazer da escola um mercado para os produtos da indústria cultural e da informática, o que aliás é coerente com a idéia de fazer a escola funcionar de forma semelhante ao mercado, mas é contraditório porque, enquanto, no discurso, os neoliberais condenam a participação direta do Estado no financiamento da educação, na prática, não hesitam em aproveitar os subsídios estatais para divulgar seus produtos didáticos e paradidáticos no mercado escolar.

Enquanto o liberalismo político clássico colocou a educação entre os direitos do homem e do cidadão, o neoliberalismo, segundo Tomás Tadeu da Silva, promove uma regressão da esfera pública, na medida em que aborda a escola no âmbito do mercado e das técnicas de gerenciamento, esvaziando, assim, o conteúdo político da cidadania, substituindo-o pelos direitos do consumidor.

Como observamos, o projeto neoliberal para a educação tem em seu aspecto central a adequação da escola e da universidade pública voltada para atender aos interesses dos empresários

Resta ainda uma questão. O discurso neoliberal insiste no papel estratégico da educação para a preparação da mão-de-obra para o mercado. Mas não se pode esquecer que o neoliberalismo torna-se hegemônico num momento em que a revolução tecnológica impõe o desemprego estrutural. *Adeus ao trabalho*, este título sugestivo do livro de Ricardo Antunes nos faz pensar que atualmente o mundo do trabalho é mais excludente que o sistema escolar. Em que pese o fato de a escola ser cada vez mais necessária para preparar profissionais para o mercado de trabalho, é preciso perguntar: e quanto aos excluídos do mundo do trabalho, que papel caberá à escola senão o de tornar-se uma espécie de babá de futuros desempregados? Lembrando Braverman, uma das tendências da educação na sociedade contemporânea é o prolongamento do período escolar e, com isso, a escola evita que um contingente razoável de jovens dispute vagas no mercado darwinista de trabalho. Em suma, em que pese o fato de o neoliberalismo apresentar-se como uma ideologia progressista, da ação - que tem a história a seu lado, está com o processo de globalização, de internacionalização da economia -, sua confiança na mão cega do mercado e nos novos conceitos de gerenciamento empresarial; nos quais os problemas sociais e políticos ficam reduzidos a uma questão técnica de gestão, mostram sua face de reação. Reação aos direitos sociais, à participação do Estado em políticas sociais, o que implica regressão da esfera pública numa época de aumento das desigualdades, existentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que as políticas neoliberais aliada a globalização na atual conjuntura é trágica, pois possui um processo genocida que atinge preferencialmente as camadas populares da sociedade que são constantemente alijadas das prioridades expressas nas políticas governamentais e os diversos planos de estabilização econômica, não elimina de forma alguma o aumento dos problemas sociais que são estruturais na sociedade como, por exemplo, o desemprego, a exclusão, a fome, a morte por inanição e outros. Esta conjuntura aponta para um desafio: se é verdade, e há indícios fortíssimos para isso, que as políticas governamentais de cunho neoliberal implementadas na América Latina e em algumas sociedades vêm agravando e intensificando os problemas sociais e neste sentido, apresenta nesta virada do milênio sinais de esgotamento, o que se coloca de forma premente é a capacidade política de reverter esse quadro dramático. Se a saída para o país não é o aeroporto, ela também não é a manutenção deste quadro que dia a dia vem se agravando e mais, insere-se na lógica da doutrina neoliberal. Portanto, não devemos nos iludir, pois esses políticos sabem o mal que as reformas de caráter neoliberal causam, porém, mesmo assim continuam a insistir.

REFERÊNCIAS

BATISTA JR., P.N. (1998), **"Mitos da 'globalização'"**, Estudos Avançados 12 (32), pp. 125-186.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987

DUPAS, Gilberto. (1998), **"A lógica da economia global e a exclusão social"**, Estudos Avançados

DUPAS, Gilberto. **Economia Global e Exclusão Social: pobreza, emprego, estado e o futuro do capitalismo**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FIORI, J.L., TAVARES, (org.) (1998), **Globalização: o Fato e o Mito**, Ed. UERJ, RJ.

FURTADO, Celso. **O Capitalismo Global**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

HIRSCHMAN, Albert O. **A retórica da intransigência**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

MORSE, Richard. **O espelho de próspero: cultura e idéias nas Américas**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Tomás Tadeu; APPLE, M.; ENGUITA, M. e outros. **Neoliberalismo, qualidade e educação**. Petrópolis, Vozes, 1994.

SINGER, Paul . **Globalização e desemprego: diagnóstico político e alternativas**. São Paulo: Contexto, 1999.

VEIGA, Pedro da Mota. **O Brasil e os desafios da globalização**. São Paulo: SOBEET, 2000.